



ONGD

PLATAFORMA . PORTUGUESA

A PANDEMIA DE COVID-19 E OS DESAFIOS DO DESENVOLVIMENTO

JUNHO 2020

EDIÇÃO ESPECIAL

ÍNDICE

TÍTULO

A PANDEMIA DE COVID-19 E OS
DESAFIOS DO DESENVOLVIMENTO

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

PLATAFORMA PORTUGUESA DAS ONGD

CONSELHO EDITORIAL

CARLOTA BICHO, JOÃO PEREIRA, PAULO
COSTA, PEDRO CRUZ, RITA LEOTE E
TOMÁS NOGUEIRA

COLABORADORES NESTA EDIÇÃO

MANUEL ENNES FERREIRA, LONNE
POISSONNIER, LUÍSA TEOTÓNIO PEREIRA,
ALEXANDRE ABREU, JOSÉ LUÍS MONTEIRO,
LYSA JOHN, PATRÍCIA MAGALHÃES FERREIRA

DESIGN GRÁFICO

ANA GRAVE

ISSN

2182-8199

DATA

JUNHO 2020

CONTACTOS PLATAFORMA PORTUGUESA

DAS ONGD / RUA APRÍGIO MAFRA, Nº17,
3º DTO / 1700-051 LISBOA / PORTUGAL /
TLF +351 218872239 / FAX +351 218872241 /
SKYPE PLATAFORMAPORTUGUESADASONGD
/ INFO@PLATAFORMAONGD.PT /
WWW.PLATAFORMAONGD.PT

ILUSTRAÇÃO DA CAPA

INÊS LOURINHO SILVA

3 EDITORIAL

5 DOSSIER

'A PANDEMIA DE COVID-19 E OS DESAFIOS DO DESENVOLVIMENTO'

5 COOPERAÇÃO INTERNACIONAL E COVID-19, UMA JANELA DE OPORTUNIDADE?

Manuel Ennes Ferreira

8 COVID-19: FORJAR UM CAMINHO RUMO A UM FUTURO EQUITATIVO

Lonne Poissonnier

10 TEMPOS FASCINANTES PARA A EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO E PARA A CIDADANIA GLOBAL

Luísa Teotónio Pereira

12 O DESENVOLVIMENTO SOB AMEAÇA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Alexandre Abreu

14 COVID-19 E OUTRAS CATÁSTROFES ANUNCIADAS

José Luís Monteiro

18 A COVID-19 RELEMBRA-NOS QUE A SOCIEDADE CIVIL É FUNDAMENTAL PARA A DEFESA DO NOSSO BEM-ESTAR COLETIVO

Lysa John

22 O ROTEIRO PARA O DESENVOLVIMENTO GLOBAL ATÉ 2030

Patrícia Magalhães Ferreira

27 RECURSOS

Uma crise como a que vivemos, na sequência da pandemia de Covid-19, obriga-nos a refletir sobre o mundo que nos rodeia. À crise sanitária rapidamente se juntou o impacto nos planos social, económico e político. A pandemia mostrou-nos as contradições dos sistemas que nos governam e ameaça aprofundar as fragilidades que marcam partes importantes das sociedades. Perante a incerteza que define o momento atual, a Plataforma Portuguesa das ONGD publica esta edição especial da sua Revista, procurando contribuir para uma reflexão coletiva necessária em torno de algumas dimensões centrais desta problemática.

Abrimos esta edição com o contributo de Manuel Ennes Ferreira, que nos traz uma reflexão sobre o sistema de cooperação internacional – incluindo os interesses geoestratégicos e económicos que a condicionam – e sobre como esta pandemia evidencia a extrema necessidade de encontrar caminhos geradores de maior equidade global.

De igualdade vem também falar-nos Lonne Poissonnier, cujo artigo se centra no impacto da pandemia no aprofundamento das desigualdades pré-existentes. A coordenadora de política e *advocacy* na CONCORD Europe defende que a UE e os Estados-Membros devem eleger a luta contra as desigualdades como uma prioridade clara e aborda a forma como a pandemia expôs e exacerbou várias situações, afetando diferentes grupos de pessoas de formas distintas.

Luísa Teotónio Pereira considera que estes são “tempos fascinantes para a Educação para o Desenvolvimento e para a Cidadania Global (EDCG)”. A autora traz-nos uma abordagem ao papel da EDCG em que defende que é precisamente neste momento de crise – em que se ganhou uma ideia mais concreta das interdependências, fragilidades e prioridades – que a reflexão crítica, aberta e solidária pode fazer a diferença.

Sobre o impacto económico da pandemia, a reflexão de Alexandre Abreu deixa pouca margem para dúvidas: os países em desenvolvimento estão já a ser fortemente afetados pela pandemia. Apesar de o professor

do ISEG não rejeitar a hipótese de a crise provocar mudanças sistémicas para melhor, esta reflexão é um alerta para o facto de as dificuldades ameaçarem seriamente a subsistência e prosperidade dos países do Sul global.

José Luís Monteiro, Project Officer da Oikos – Cooperação e Desenvolvimento, ajuda-nos a compreender o impacto que as questões ambientais tiveram no aparecimento e propagação do SARS CoV 2, deixando uma mensagem clara: precisamos de um “novo normal”, precisamos de vontade política e mudanças de comportamentos para um combate efetivo às alterações climáticas.

Lysa John alerta-nos para o facto de regimes autocráticos espalhados um pouco por todo o mundo estarem a usar as medidas relacionadas com a Covid-19 para limitar a liberdade das pessoas e desrespeitar os direitos humanos por motivos políticos. A secretária-geral da Civicus relembra o papel central da sociedade civil que, além de responder às necessidades humanitárias da população, pode e deve ser um garante de equilíbrio de poderes e denunciar injustiças.

Patricia Magalhães Ferreira traz-nos uma reflexão sobre o impacto da pandemia na concretização dos ODS, defendendo que a Agenda 2030 pode e deve servir de guia na construção das medidas de recuperação económica e social durante e após a pandemia, promovendo assim políticas mais justas e sustentáveis.

Esperamos que esta edição contribua para o debate e compreensão dos impactos da pandemia no desenvolvimento, e que permita encontrar pistas para um caminho conjunto na construção de um mundo melhor.

CARLOTA BICHO

RESPONSÁVEL DE COMUNICAÇÃO NA
PLATAFORMA PORTUGUESA DAS ONGD

TOMÁS NOGUEIRA

TÉCNICO DE ADVOCACY NA PLATAFORMA
PORTUGUESA DAS ONGD



COOPERAÇÃO INTERNACIONAL E COVID-19, UMA JANELA DE OPORTUNIDADE?

MANUEL ENNES FERREIRA

PROFESSOR DO ISEG/UNIVERSIDADE DE LISBOA

Nas últimas décadas, nomeadamente a partir do final do século passado, o sistema de cooperação internacional tem vindo a ser crescentemente testado, para não dizer desafiado. Uma das principais razões reside nas consequências que a globalização desenfreada tem introduzido nas relações internacionais abalando um *status quo* correspondente.

A cooperação internacional deveria corresponder a uma verdadeira parceria global. Esta boa intenção, aprovada pelos Estados-Membros das Nações Unidas, está plasmada desde o início do século, primeiro nos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio e depois nos Objectivos de Desenvolvimento Sustentável. E embora se possam assinalar resultados palpáveis e entusiasmantes aqui e ali, tal foi acompanhado pelo aprofundamento da desigualdade dentro e entre países.

Da cooperação internacional espera-se, por exemplo, uma atenção particular ao seu contributo para o acesso ao que se devem considerar bens públicos globais, ou seja, o reconhecimento de que a cooperação e a coordenação internacional são necessárias para a salvaguarda em termos nacionais. São exemplos que vão da educação ao meio ambiente, passando pela paz até à saúde. Por si só deveriam ser prioritários na cooperação internacional. Mas acresce, não sendo de some-

nos importância, que o efeito negativo que extravasa do espaço nacional para a comunidade internacional pode ser de tal ordem que põe em causa a estabilidade de todos. O exemplo dos nossos dias com a pandemia do Covid-19 ilustra este fio da navalha.

Como encarar, então, estes mecanismos coletivos de coordenação de ações? O sistema de cooperação internacional deveria ser um jogo de soma positiva. Ele assenta nos interesses e objectivos de cada um dos participantes, mas a perspectiva egoísta não tem necessariamente que prevalecer. Como atrás se referiu, deveria ser do interesse global e de cada um dos Estados a estabilidade e o progresso individual e mundial. Não é novidade nenhuma dizer que estamos longe disso.

**'(...) DEVERIA SER DO INTERESSE
GLOBAL E DE CADA UM DOS
ESTADOS A ESTABILIDADE E O
PROGRESSO INDIVIDUAL E MUNDIAL.
NÃO É NOVIDADE NENHUMA DIZER
QUE ESTAMOS LONGE DISSO'**

A cooperação internacional faz-se de forma bilateral e multilateral. A importância que individualmente cada país tem nas relações internacionais cria logo à partida um desequilíbrio, talvez mais notório na relação directa que estabelece com os outros Estados. A sua importância é assinalável e cobre todas as áreas de

cooperação. Embora por vezes menos visível, mas existente, será a influência nas instituições internacionais. O que tem acontecido é que não têm sido poucas as vezes em os seus interesses económicos e geoestratégicos acabam por condicionar o seu envolvimento mais desinteressado naquelas instituições. O caso mais paradigmático e recente é a forma como os Estados Unidos têm olhado para o sistema de cooperação internacional, demitindo-se... o unilateralismo e o isolamento têm sido a sua resposta. Este é talvez o exemplo mais acabado de como efeitos da globalização e que têm alterado as relações de poder internacional podem ter efeitos no sistema de cooperação internacional. O destrato com que os EUA têm afrontado as Nações Unidas é de espantar. A diminuição do seu envolvimento, por exemplo, na OMC, na Unesco ou na OMS, é inaceitável.

A reconfiguração das relações internacionais a que temos assistido neste século implica novas adaptabilidades. Os países emergentes, com a China à cabeça, vieram para ficar e o reconhecimento disso mesmo foi a assumpção, em 2008, do papel pivot que o G20 deve desempenhar. As respostas às crises de 2008 e 2014 exigiam coordenação e engajamento de toda a comunidade internacional. Com ligeireza diz-se que a pandemia do Covid-19 é democrática porque atinge todos os países e todas as classes sociais. O mesmo se quis dizer com as consequências daquelas duas crises. Não, não é verdade. O grau de preparação para enfrentar os danos em todas as áreas sejam económicas, financeiras ou comerciais, sejam educacionais, sanitárias ou ambientais é muitíssimo diferente. E sem cooperação internacional todos têm a perder, é certo que uns mais do que outros.

Olhando em particular para os países em desenvolvimento, a pandemia do Covid-19 traz à tona as suas debilidades estruturais. O fardo da dívida externa, por exemplo, é incompatível com o esforço financeiro que terão de fazer para sustentar as suas economias e sistemas sociais. Problemas ligados ao desemprego, refugiados, meio ambiente e estabilidade política correm o sério risco de atingir pontos de ruptura. O sistema institucional de cooperação internacional será uma vez mais posto à prova e terá de arranjar soluções adequadas. Excelente oportunidade uma vez que o perigo é desta vez global? Isto deve envolver todos. Há obviamente uma necessidade de reformar a ONU, adaptando-a e tornando-a voz da universalidade e não isolando-a. No mesmo sentido, as regras e prioridades do FMI e do Banco Mundial devem ser

reequacionadas. Bilateralmente, e simplificando, dos EUA à China passando pela União Europeia todos eles devem seguir aquele princípio que diz que a única situação admissível em que alguém olha de cima para baixo para o outro é quando lhe estende a mão para o levantar. E, finalmente mas não esgotando os exemplos, um maior empenhamento e respeito pelos compromissos assumidos no âmbito da ajuda pública internacional. Se a melhoria da eficácia da prestação da ajuda tem sido preocupação crescente, também o cumprimento pela meta dos 0.7% do rendimento nacional bruto anual por parte dos países doadores deve ser alcançado, invertendo os 0.3% actuais.

**'SE A COOPERAÇÃO
INTERNACIONAL NUNCA DEVIA
TER TIDO UM MOMENTO DE
DESCANSO PARA RESPONDER
ÀS NECESSIDADES INDIVIDUAIS
E GLOBAIS, OS TEMPOS ACTUAIS
EVIDENCIAM EM TODA A LINHA
A SUA EXTREMA NECESSIDADE'**

É difícil fazer previsões sobre as consequências da corrente pandemia e em particular sobre o sistema de cooperação internacional. O abanão que assola todos os países do mundo não terá efeitos simétricos. Pelo contrário, será profundamente assimétrico. Demorará muitos anos até que dezenas de países em desenvolvimento voltem à sua situação pré-Covid-19 e que já era angustiante. A probabilidade de que superada esta pandemia seja 'business as usual' é grande. Se assim for, e espera-se que não, no panorama económico e geoestratégico internacional a marginalização dos países em desenvolvimento, com destaque para África, agravar-se-á.

Em suma, se a cooperação internacional nunca devia ter tido um momento de descanso para responder às necessidades individuais e globais, os tempos actuais evidenciam em toda a linha a sua extrema necessidade. Por uma vez se pode pensar que é um excelente momento de reflexão para encontrar caminhos mais inclusivos na cooperação internacional e geradores de maior equidade global. Não é certo, mas o Covid-19 pode eventualmente ter despoletado a consciência disso.



COVID-19: FORJAR UM CAMINHO RUMO A UM FUTURO EQUITATIVO

LONNE POISSONNIER

COORDENADORA DE POLÍTICA E ADVOCACY NA CONCORD EUROPE

O nosso mundo enfrenta atualmente uma crise. A pandemia de COVID-19 expôs e exacerbou brutalmente várias formas de desigualdades dentro e entre diferentes países, formas essas que não podemos continuar a ignorar. Como os/as muito ricos/as têm mais recursos para se proteger do impacto financeiro e económico do que o resto da população, as disparidades ao nível da riqueza e do rendimento aumentam ainda mais. O acesso a serviços básicos muito necessários varia dentro da população, a discriminação aumenta e as normas socialmente construídas podem privilegiar alguns grupos em detrimento de outros, como vemos, por exemplo, com os papéis atribuídos em função do género. Em todo o mundo, as pessoas e os estados têm um acesso desigual aos processos de decisão política e o espaço da sociedade civil é cada vez mais reduzido. Juntamente com os impactos desiguais das alterações climáticas e com alguns problemas ambientais associados à COVID-19, estas várias formas de desigualdades aumentam consideravelmente o risco de adiamento ou retrocesso na implementação da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável.

Podemos vir a confrontar-nos com um retrocesso de 10 anos na redução da pobreza a nível mundial. Em algumas regiões, este retrocesso pode inclusivamente atingir os 30 anos¹. No outro lado do espectro, os/as bilionários/as, apesar de também não estarem imunes, podem proteger-se muito mais facilmente. Nalguns casos, as suas fortunas até aumentaram desde o início do surto de COVID-19. Se, ao sair desta crise, percorrermos um caminho semelhante ao que trilhámos na sequên-

cia da crise financeira de 2008, após o qual as pessoas mais ricas do mundo recuperaram rapidamente o que perderam e até duplicaram as suas fortunas, o fosso entre os 1% mais ricos do mundo e os restantes 99% vai atingir proporções cósmicas².

'DURANTE AS ÚLTIMAS DÉCADAS, AS
POLÍTICAS DE AUSTERIDADE IMPOSTAS
PELAS INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS
INTERNACIONAIS ENFRAQUECERAM
OS SERVIÇOS E SISTEMAS PÚBLICOS,
INCLUSIVAMENTE NO SETOR DA SAÚDE'

Durante as últimas décadas, as políticas de austeridade impostas pelas instituições financeiras internacionais enfraqueceram os serviços e sistemas públicos, inclusivamente no setor da saúde. Mas a crise que enfrentamos agora mostra a importância de um estado que funcione bem e que seja capaz de prestar serviços públicos essenciais e inclusivos a toda a população. Salvar os sistemas sociais das situações difíceis que enfrentam atualmente, realizar os resgates económicos necessários e assegurar a resposta de emergência provocará buracos gigantescos nos orçamentos públicos e aumentos na dívida pública. No futuro, temos de evitar a todo o custo que, por uma questão de ortodoxia fiscal, se crie um ciclo vicioso com mais medidas de austeridade que afetam as áreas-chave do combate às desigualdades, como a saúde, educação e proteção social, água, saneamento ou alojamento.

Neste momento, existem milhões de pessoas sem trabalho e que não têm por isso qualquer rendimento. A Organização Internacional do Trabalho avisou que quase 2,7 mil milhões de trabalhadores/as estão a ser afetados pela COVID-19 em todo o mundo e 25 milhões de empregos podem ser perdidos. Os/As trabalhadores/as precários/as estão a ser levados/as até aos seus limites, os sistemas de proteção social não conseguem proteger os grupos mais vulneráveis, e os/as jovens trabalhadores/as e pequenas e médias empresas estão a ser profundamente atingidos pelas repercussões económicas³. As consequências para o mercado de trabalho e para a situação dos/as trabalhadores/as serão severas, com riscos óbvios para os direitos destes/as últimos/as nas cadeias de valor globais, como podemos já observar, por exemplo, no setor do vestuário no Sudeste Asiático, no cultivo de flores na África Oriental ou no setor mineiro na América do Sul⁴.

Em termos ambientais, o coronavírus mostra como a perda de ecossistemas e a sobre-exploração dos recursos naturais no Sul Global aumentam o risco de surtos de doenças zoonóticas, como o Ébola, SIDA, SARS, MERS, zica, gripe aviária e gripe suína⁵. Além de tudo isto, enfrentamos retrocessos provocados pelas políticas de combate ao coronavírus em diferentes países, como limites de emissões poluentes menos exigentes ou a suspensão temporária de regulamentações ambientais, que podem aumentar ainda mais a desigualdade ambiental⁶.

Politicamente, esta crise está a ser utilizada como uma oportunidade para consolidar o poder e legitimar a adoção de medidas repressivas em regimes autoritários, através da invocação de uma ameaça nacional existencial. Outros exemplos, em democracias, incluem medidas de emergência relacionadas com a saúde pública, como declarações de estados de emergência ou medidas que aumentam a vigilância aos/às cidadãos/ãs e contribuem para uma menor transparência, inclusão e responsabilização⁷.

'DEVEMOS APROVEITAR ESTA OPORTUNIDADE PARA NOS AFASTARMOS DO FOCO GLOBAL NO CRESCIMENTO DO PIB, COM A CONSCIÊNCIA DE QUE ESTE INDICADOR POUCO CONTRIBUI PARA CRIAR BEM-ESTAR PARA TODOS/AS'

O novo coronavírus acentua assim as desigualdades existentes em todas as quatro dimensões do desenvolvimento sustentável: económica, social, política e ambiental. É fundamental compreender como estas dimensões se relacionam entre si para combater eficazmente estas desigualdades. Diferentes grupos de pessoas são afetados de formas distintas pela pandemia e pelos seus efeitos secundários. Mulheres e raparigas, crianças, pessoas com deficiências, migrantes e refugiados/as, países no Sul Global, idosos/as, pessoas com problemas de saúde, pobres, minorias étnicas, povos indígenas, entre muitos, muitos outros. E também as diferentes identidades sociais (por exemplo, género, raça, capacidade, idade, rendimento, orientação sexual, etnicidade, religião ou crença, estado socioeconómico

ou migratório), que são muitas vezes fatores discriminatórios. Tudo isto se interseja e sobrepõe, resultando no aumento das restrições e privações, as quais, por seu turno, perpetuam e consolidam as desigualdades.

Para a CONCORD⁸, o combate às desigualdades deve ser uma clara prioridade na UE e nos seus Estados-Membros, com ações direcionadas e claramente presentes em todas as políticas, programas e acordos de parceria. Devemos aproveitar esta oportunidade para nos afastarmos do foco global no crescimento do PIB, com a consciência de que este indicador pouco contribui para criar bem-estar para todos/as, não fomenta o investimento nas áreas onde é realmente necessário e é extremamente vulnerável a choques. Esta crise dá-nos uma oportunidade de promovermos um desenvolvimento económico sustentável e inclusivo: dar prioridade às micro, pequenas e médias empresas e também a empresas guiadas por uma missão (por oposição às empresas que têm unicamente fins lucrativos), exigindo mais delas em termos sociais e ambientais. Devemos forjar um caminho rumo a um mundo mais igualitário e sustentável, onde todos/as estejamos preparados/as e consigamos enfrentar coletivamente os desafios com que nos deparamos, a partir de uma posição de força e solidária.

CONSULTE O DOCUMENTO “EU GLOBAL RESPONSE TO COVID-19 – FORGING A PATH TOWARDS AN EQUITABLE FUTURE” (RESPOSTA GLOBAL DA UE À COVID-19: FORJAR UM CAMINHO RUMO A UM FUTURO EQUITATIVO) DA CONCORD PARA OBTER MAIS INFORMAÇÕES.

¹ [HTTPS://WWW.WIDER.UNU.EDU/PUBLICATION/ESTIMATES-IMPACT-COVID-19-GLOBAL-POVERTY](https://www.wider.unu.edu/publication/estimates-impact-covid-19-global-poverty)

² [HTTPS://WWW.OXFAMINDIA.ORG/BLOG/CORONAVIRUS-AND-INEQUALITY](https://www.oxfamindia.org/blog/coronavirus-and-inequality)

³ [HTTPS://WWW.ILO.ORG/WCMSP5/GROUPS/PUBLIC/@DGREPORTS/@DCOMM/DOCUMENTS/BRIEFINGNOTE/WCMS_740877.PDF](https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/@dgreports/@dcomm/documents/briefingnote/wcms_740877.pdf); [HTTPS://WWW.ILO.ORG/GLOBAL/ABOUT-THE-ILO/NEWSROOM/NEWS/WCMS_738742/LANG--EN/INDEX.HTM](https://www.ilo.org/global/about-the-ilo/newsroom/news/wcms_738742/lang-en/index.htm); [HTTPS://ILOBLOG.ORG/2020/03/20/PRECAIOUS-WORKERS-PUSHED-TO-THE-EDGE-BY-COVID-19/](https://iloblog.org/2020/03/20/precarious-workers-pushed-to-the-edge-by-covid-19/); [HTTPS://WWW.ILO.ORG/GLOBAL/ABOUT-THE-ILO/NEWSROOM/NEWS/WCMS_739678/LANG--EN/INDEX.HTM](https://www.ilo.org/global/about-the-ilo/newsroom/news/wcms_739678/lang-en/index.htm); [HTTPS://WWW.EURACTIV.COM/SECTION/ECONOMY-JOBS/NEWS/ILO-WARNS-OF-DEVASTATING-CONSEQUENCES-OF-COVID-19-ON-LABOUR-MARKETS/?UTM_SOURCE=EURACTIV&UTM_CAMPAIGN=1DF78F178C-RSS_EMAIL_EN_DAILY_UPDATE&UTM_MEDIUM=EMAIL&UTM_TERM=0_C59E2FD7A9-1DF78F178C-114974295](https://www.euractiv.com/section/economy-jobs/news/ilo-warns-of-devastating-consequences-of-covid-19-on-labour-markets/?utm_source=euractiv&utm_campaign=1df78f178c-rss_email_en_daily_update&utm_medium=email&utm_term=0_c59e2fd7a9-1df78f178c-114974295); [HTTPS://ILOBLOG.ORG/2020/04/15/YOUNG-WORKERS-WILL-BE-HIT-HARD-BY-COVID-19S-ECONOMIC-FALLOUT/](https://iloblog.org/2020/04/15/young-workers-will-be-hit-hard-by-covid-19s-economic-fallout/)

⁴ [HTTP://WWW.INDUSTRIALL-UNION.ORG/COVID-19-AN-EXISTENTIAL-CRISIS-FOR-THE-GARMENT-INDUSTRY](http://www.industrialunion.org/covid-19-an-existential-crisis-for-the-garment-industry)

⁵ [HTTPS://WWW.BE/ASSETS/IMAGES-2/CAMPAGNES/COVID-19/THE-LOSS-OF-NATURE-AND-RISE-OF-PANDEMICS-PROTECTING-HUMAN-AND-PLANETARY-HEALTH.PDF](https://www.be-assets/images-2/campaigns/covid-19/the-loss-of-nature-and-rise-of-pandemics-protecting-human-and-planetary-health.pdf)

⁶ [HTTPS://WWW.FORBES.COM/SITES/NISHANDEGNARAIN/2020/04/16/TEN-AREAS-WHERE-COVID-19-RESPONSES-ARE-LEADING-TO-ENVIRONMENTAL-SETBACKS/#14211D094252](https://www.forbes.com/sites/nishandeignarain/2020/04/16/ten-areas-where-covid-19-responses-are-leading-to-environmental-setbacks/#14211D094252)

⁷ [HTTP://EPD.EU/2020/04/06/JOINT-STATEMENT-DEMOCRATIC-PRINCIPLES-IN-A-TIME-OF-CRISIS/](http://epd.eu/2020/04/06/joint-statement-democratic-principles-in-a-time-of-crisis/)

⁸ [HTTPS://CONCORDEUROPE.ORG/](https://concordeurope.org/)

TEMPOS FASCINANTES PARA A EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO E PARA A CIDADANIA GLOBAL

LUÍSA TEOTÓNIO PEREIRA

Fechados em casa. E, no entanto, **sempre a ver o que se passa no mundo**. Porque todo o mundo está fechado em casa – os que têm casa, e os que não são trabalhadores essenciais. **Sobressaem realidades escondidas**. Para que serve um serviço nacional de saúde – e o que acontece onde não existe. Quem são as pessoas que cuidam de nós – pessoal de saúde, e não só médicos/as e enfermeiros/as, mas também técnicos e auxiliares de todas as tarefas necessárias, profissionais que tratam e apoiam pessoas doentes, idosas, onde quer que estejam. Quem assegura a nossa vida coletiva essencial – produtores/as de bens alimentares e alguns outros, trabalhadores/as dos transportes, das forças de segurança e proteção civil, do pequeno e grande comércio de bens prioritários, dos serviços de comunicação. Quem está mais desprotegido – as pessoas que estão fora do seu país, por que foram obrigadas a isso, e aquelas que estão fragilizadas, por razões de saúde física ou mental, por razões económicas, por razões sociais. **Comparam-se muitos números**, um pouco menos as políticas, menos um pouco as estratégias, e ainda menos o que está por detrás delas. Fala-se de **solidariedade e cooperação**, e expandem-se bons exemplos. Também há notícias de **conflitos de interesses e autoritarismo**, de desprezo pela ciência, de campanhas de ódio. **Queremos saber mais** sobre vírus, imunidades e pandemias, sobre como enfrentá-los, sobre o que se fez no passado. As medidas tomadas no nosso país são próprias, mas

são também fruto do que **se foi aprendendo** com outros países. Isto acontece no lugar onde moramos e em toda a parte.

As raízes da Educação para o Desenvolvimento e para a Cidadania Global (EDCG) estão no meio de nós: tentar olhar para longe (e não só geograficamente), a partir de onde estamos; trazer à luz do dia o que está invisibilizado e é fundamental; perceber que por trás de alguma informação há muita outra que contribui para explicar a primeira; compreender que há atitudes, e forças opostas que se ativaram, porque nas suas dinâmicas querem ter uma palavra a dizer sobre o presente, com olhos postos no futuro; aprender, simultaneamente, sobre cada um de nós, sobre todos os outros, sobre o nosso mundo.

Neste terreno fértil que nos é dado viver, crescem as incertezas e os desafios. Podem crescer também as desorientações, o deixa andar, a concentração nos constrangimentos próprios a resolver. Sabendo-se que não há planeta B, que no que existe 99% das pessoas estão afetadas por vários tipos de problemas, e que o cada um/a por si nunca criou força para os enfrentar.

Entre o que sabemos e o que queremos fazer, pessoal e coletivamente, há um universo de dúvidas, possibilidades, hesitações e experimentações. Com a presente situação, este universo expandiu-se e adensou-se. Ganhámos uma noção vivencial das interdependências, das fragilidades, das prioridades - e das contradições. É neste espaço que a EDCG, **enquanto processo pedagógico**, faz sentido e floresce.

Não nos revela o que não procuramos (era bom...). Não traz soluções prontas a utilizar (como gostaríamos que as houvesse!). Não proporciona conforto (e dele tanto precisamos!). Disponibiliza abordagens temáticas baseadas na informação e no questionamento; partilha e re-inventa diálogos que permitem descobrir realidades e conexões e interpretar o que nos escapa; oferece-nos pistas de ação fundadas nas inquietações sentidas e formuladas e nos princípios éticos e valores da justiça, da equidade, da solidariedade, da cooperação. **Intencionalmente**, podemos contribuir, em conjunto com outros, para transformar as sociedades e alterar o sistema em que vivemos.

Parece evidente que vamos precisar destes processos pedagógicos ainda mais do que até aqui. A pandemia tornou mais desigual o que já era desigual. Inflacionou os mecanismos de controlo e de descriminação de cidadãs e cidadãos em mui-

tos lugares. Criou vias rápidas para a afirmação de autoritarismos de várias espécies em determinados países. Colocou em cima da mesa decisões urgentes e difíceis, por exemplo: como converter as companhias aéreas, o transporte automóvel e o turismo em atividades compatíveis com as exigências da luta contra a crise climática? Como proteger e melhorar o emprego quando a tendência era para a sua precarização? Como afirmar a centralidade dos serviços públicos, quando as forças do mercado se empenham em estratégias para os enfraquecer e privatizar? Como favorecer a autonomia - pessoal, comunitária, nacional - sem cair no isolamento e no antagonismo? Como transformar uma economia ao serviço do 1% e redirecioná-la para os 99%? O mais provável é que, no contexto de uma crise sanitária, económica e social sem precedentes, com diversas expressões a nível mundial, as contradições se agudizem.

'GANHÁMOS UMA NOÇÃO VIVENCIAL DAS INTERDEPENDÊNCIAS, DAS FRAGILIDADES, DAS PRIORIDADES – E DAS CONTRADIÇÕES. É NESTE ESPAÇO QUE A EDCG, ENQUANTO PROCESSO PEDAGÓGICO, FAZ SENTIDO E FLORESCE'

É no calor da desordem e da incerteza que a **reflexão crítica, cuidada, aberta e solidária** pode fazer a diferença. Precisamos de criar e preservar o tempo e espaço necessários. Incentivar os diálogos prioritários e significativos, locais e globais. Envolver mais pessoas e coletivos. Fortalecer as alianças que fazem sentido. **Injetar de coerência a nossa ação.**

Enquanto educadoras e educadores, estamos preparados? Sim e não. Nunca estamos, certo. (Ninguém estava preparado para este súbito e avassalador surto de um desconhecido coronavírus). Mas em Portugal e muitos outros países há uma significativa história e experiência acumulada no domínio da EDCG. Será na intensidade e turbilhão dos acontecimentos que, contando com esse património, teremos de ir desconstruindo e construindo, aprendendo, experimentando, partilhando, revendo.



O DESENVOLVIMENTO SOB AMEAÇA EM TEMPOS DE PANDEMIA

ALEXANDRE ABREU
PROFESSOR DO ISEG, U. LISBOA

A crise provocada direta e indiretamente pela epidemia do novo coronavírus tem um carácter verdadeiramente global. Em inícios de maio de 2020, a pandemia chegou já a 187 países e territórios, havendo apenas cerca de uma dezena de pequenos estados sem casos detetados¹. Entre março e abril, mais de uma centena de estados impuseram confinamentos totais ou parciais, chegando a abranger mais de um terço da população mundial – para cima de dois mil milhões de pessoas – durante largas semanas². Estimativas recentes apontam para que a queda do PIB mundial em 2020 seja de pelo menos 3%, bastante superior à verificada em 2009, ou até mais do que isso se assistirmos a novas vagas de contágio e confinamento³. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) alertou no final de abril que 1600 milhões de trabalhadores – metade da força de trabalho global - correm risco imediato de se verem privados das suas fontes de rendimento⁴.

No que se refere à epidemia propriamente dita, os países do Sul global parecem até ao momento estar a ser menos afetados do que os países industrializados. À data de 10 de maio de 2020, temos de percorrer a lista dos países com mais casos registados até ao oitavo lugar para encontrarmos o primeiro país em desenvolvimento: o Brasil. Nesta mesma data, o continente africano como um todo conta com um número de casos confirmados (60 mil) pouco maior do que a Bélgica (50 mil)⁵. Porém, é também conhecida a enorme incerteza que rodeia todos estes números: é possível que certos fatores demográficos ou climáticos proporcionem alguma proteção a muitos países em desenvolvimento, mas é igualmente possível que a imagem estatística de que dispomos neste momento seja muito incompleta, subestimando a real incidência da doença nestes países.

Já no que toca à dimensão socioeconómica desta crise, em contrapartida, não há dúvida de que os países em desenvolvimento estão já a ser muito fortemente afetados. Os canais de transmissão são vários e em muitos países atuam em simultâneo. O primeiro, e mais imediato, é o impacto do confinamento sobre as fontes de rendimento e estratégias de subsistência de milhares de milhões de pessoas. Este impacto é especialmente dramático nas economias emergentes e em desenvolvimento, nas quais os trabalhadores informais constituem cerca de 70% da força de trabalho⁶. No contexto atual, muitos estão a um curto passo da pobreza.

'(...) NO QUE TOCA À DIMENSÃO
SOCIOECONÓMICA DESTA CRISE,
EM CONTRAPARTIDA, NÃO HÁ
DÚVIDA DE QUE OS PAÍSES EM
DESENVOLVIMENTO ESTÃO JÁ A
SER MUITO FORTEMENTE AFETADOS'

Um segundo canal é a queda do preço das matérias-primas, de cuja exportação dependem fortemente muitas economias em desenvolvimento, em resultado da crise global e da redução da procura. Com exceção do ouro, que é um ativo de refúgio por excelência, o preço da maioria das matérias-primas tem caído significativamente em 2020 - incluindo o petróleo, de forma espetacular⁷. O efeito líquido para cada país depende de ser exportador ou importador líquido de cada matéria-prima, mas para a maioria dos países em desenvolvimento isto não são boas notícias – e para alguns, como os exportadores de petróleo, é desastroso.

Um terceiro canal é a fuga de capitais das economias emergentes e em desenvolvimento, resultante da tendência dos investidores internacionais para se refugiarem em ativos com menos risco em situações de crise. Entre janeiro e meados de abril, a fuga líquida de capitais a partir dos países em desenvolvimento ascendeu a 100 mil milhões de dólares, cinco vezes mais do que aquando da crise de 2008-09⁸. Para além de agravarem as dinâmicas locais de deflação, falência e recessão, estes fluxos abruptos de saída provocam a depreciação das moedas locais, o que faz aumentar o peso da dívida externa denominada em moeda estrangeira, precipitando crises cambiais e crises de dívida.

E um quarto canal é a quebra dos fluxos de remessas dos migrantes internacionais, que habitualmente constituem uma bóia de salvação crítica em contextos de crise. O mesmo não está a suceder desta vez, já que a crise está a atingir os países de origem e de destino ao mesmo tempo e em muitos casos a afetar especialmente os trabalhadores imigrantes. O Banco Mundial prevê que o fluxo total de remessas internacionais sofra em 2020 uma quebra de 20%, sem precedente no passado recente⁹.

Considerando todos estes impactos, uma estimativa da UNU-WIDER aponta para que o número de pessoas em situação de pobreza a nível mundial possa aumentar em 500 milhões em resultado desta crise. Se assim for, será a primeira vez em mais de trinta anos que a taxa de pobreza global aumenta em vez de diminuir, deitando a perder uma década de progressos a este nível¹⁰. O risco de retrocesso social e económico é enorme:

por si só, esta crise tem o potencial de assegurar o insucesso da Agenda 2030 nas suas várias dimensões. É por tudo isto que muitas vezes começam já a apelar a um pacote de resgate de grandes dimensões para os países em desenvolvimento – como a UNCTAD, que apelou à mobilização de 2,5 biliões de dólares para este efeito. Para já, porém, estamos muito longe de uma resposta à altura. Aliás, receia-se até que os constrangimentos orçamentais que irão pesar sobre os países doadores exerçam pressão adicional sobre a ajuda e a cooperação internacionais.

O mundo que emergirá após a pandemia de Covid-19 será com certeza bastante diferente. Nalguns aspetos, é possível que esta crise venha a desencadear mudanças sistémicas para melhor. Mas neste momento, para os países do Sul global, esta crise é uma tempestade perfeita que está a ameaçar seriamente a subsistência, a segurança humana e a prosperidade.



¹ AL JAZEERA (2020), “CORONAVIRUS: WHICH COUNTRIES HAVE CONFIRMED CASES?”, 11/05/2020.

² BUCHHOLZ, KATHARINA (2020), “WHAT SHARE OF THE WORLD POPULATION IS ALREADY ON COVID-19 LOCKDOWN?”, STATISTA, 23/04/2020.

³ IMF (2020), WORLD ECONOMIC OUTLOOK, APRIL 2020.

⁴ ILO (2020) ILO MONITOR THIRD EDITION: COVID-19 AND THE WORLD OF WORK, 29/04/2020.

⁵ [HTTPS://WWW.WORLDOMETERS.INFO/CORONAVIRUS/](https://www.worldometers.info/coronavirus/)

⁶ CHANDRASEKHAR, C. AND GHOSH, J. (2020), “INFORMAL WORKERS IN THE TIME OF CORONAVIRUS”, REAL-WORLD ECONOMICS REVIEW BLOG, 26/03/2020.

⁷ WORLD BANK (2020), “MOST COMMODITY PRICES TO DROP IN 2020 AS CORONAVIRUS DEPRESSES DEMAND AND DISRUPTS SUPPLY”, PRESS RELEASE, 23/04/2020.

⁸ GATAK, M., JARAVEL, X. & WEIGEL, J. (2020), “THE WORLD HAS A \$2.5 TRILLION PROBLEM. HERE’S HOW TO SOLVE IT”, NEW YORK TIMES, 20/04/2020.

⁹ WORLD BANK (2020), “WORLD BANK PREDICTS SHARPEST DECLINE IN REMITTANCES IN RECENT HISTORY”, PRESS RELEASE, 22/04/2020.

¹⁰ SUMNER, A., HOY, C. & ORTIZ-JUAREZ, E. (2020), “ESTIMATES OF THE IMPACT OF COVID-19 ON GLOBAL POVERTY”, WIDER WORKING PAPER 2020/43, UNU-WIDER.

COVID-19 E OUTRAS CATÁSTROFES ANUNCIADAS

JOSÉ LUÍS MONTEIRO

PROJECT OFFICER NA OIKOS - COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

No passado mais ou menos distante, cada vez que havia uma catástrofe que afligia uma região, a população era apanhada desprevenida e havia uma tendência para tentar descobrir quem ou o que teria ofendido os deuses. Por isso não é de estranhar que entre as curas propostas para a peste negra houvesse opções tão díspares como procissões dos flagelantes até à ingestão de esmeraldas.

'A EXISTÊNCIA DE GRANDES
POPULAÇÕES ANIMAIS
CONDENSADAS EM ESPAÇOS
PEQUENOS, MUITAS VEZES COM
HIGIENE DEFICIENTE, AUMENTA DE
FORMA QUASE EXPONENCIAL O
POTENCIAL PARA A OCORRÊNCIA
DE MUTAÇÕES, INCLUINDO AS QUE
PERMITEM A INFEÇÃO DE HUMANOS'

Quase 7 séculos depois, a ciência avançou, a sociedade mudou e toda a nossa relação com o planeta evoluiu significativamente. Hoje é quase universal o reconhecimento de que a emergência de novas doenças contagiosas é um fator de risco global, sendo consideradas por muitos como uma das grandes ameaças existenciais (acontecimentos com potencial para extinguir a humanidade).

'OUTRO FATOR AMBIENTAL
QUE CONVÉM REFERIR É A
DESFLORESTAÇÃO. À MEDIDA QUE OS
SERES HUMANOS ABREM CAMINHOS
POR ZONAS ANTERIORMENTE
INEXPLORADAS, O CONTACTO COM
NOVOS VÍRUS (PARA OS QUAIS NÃO
TEMOS DEFESAS) É INEVITÁVEL'

Ao longo do tempo têm vindo a crescer os apelos e alertas da comunidade científica e de várias instituições sobre a necessidade de levar esta ameaça a sério. Atualmente tornaram-se célebres peças como o artigo de 2007 na *Clinical Microbiology Reviews*, que alertava para o potencial surgimento de uma pandemia tipo SARS no sul da China devido à abundância de “wet markets” e à presença de animais exóticos para consumo humano, ou a TED Talk de Bill Gates de 2015, em que é lançado um alerta para a necessidade de aumentar a capacidade de resposta global a uma potencial pandemia. No entanto antes disso os alertas abundavam, por exemplo em 1993 Robin Marantz Henig, no livro “A Dancing Matrix” citava o prémio Nobel Joshua Lederberg, ao afirmar que “os vírus são a principal ameaça ao domínio da Humanidade sobre o planeta”, antes de dedicar o principal capítulo do livro à ameaça por vírus emergentes. Com base na informação de diversos cientistas, a autora identifica os principais fatores e condições que poderiam levar ao surgimento de novos agentes patogénicos potencialmente devastadores – alterações climáticas, urbanização maciça, crescente proximidade entre humanos e animais de produção e selvagens que atuam como reservatórios virais – e fatores de aceleração da disseminação global desses agentes - conflitos, economia global e viagens aéreas internacionais.

Apesar destes alertas, e do trabalho substancial realizado por diversos organismos nacionais e internacionais no sentido de detetar precocemente e desenvolver planos para combater a próxima pandemia (OMS, CDC, ECDC, etc.), a baixa prioridade que os decisores políticos dão a este problema é evidente. Por exemplo, apenas 3 anos após Bill Gates apelar para um investimento anual de 4,5 mil milhões de dólares na deteção, prevenção e tratamento de potenciais doenças emergentes, a maior economia mundial cortou em 80% o financiamento ao

seus programas de prevenção de pandemias (eliminando até o acompanhamento “in loco” da China) e mais recentemente, em plena pandemia, suspendeu o seu financiamento à OMS.

Independentemente das questões políticas e das derivas conspiratórias que abundam relativamente à pandemia que atualmente vivemos, é impossível ignorar a contribuição do desrespeito pelo ambiente na situação atual. Segundo o Center for Global Health Science and Security, pelo menos 60% dos novos agentes patogénicos que infetam humanos têm origem animal, 70% dos quais têm origem em animais selvagens. Convém lembrar as origens do VIH/SIDA (chimpanzés) ou MERS e SARS (morcegos), que provêm de mutações que permitem que o vírus salte a barreira de espécie e consiga infetar humanos. Outro fator ambiental que aumenta tremendamente o risco de aparecimento destas novas doenças é a produção intensiva de animais de produção. Por exemplo, no caso da MERS, o vírus saltou de morcegos para camelos criados em cativeiro, e posteriormente para humanos. A existência de grandes populações animais condensadas em espaços pequenos, muitas vezes com higiene deficiente, aumenta de forma quase exponencial o potencial para a ocorrência de mutações, incluindo as que permitem a infeção de humanos (tal como as que originaram a pandemia de H1N1, que teve origem em explorações avícolas).

'AS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS SÃO OUTRO DOS FATORES QUE MAIS IMPORTÂNCIA TEM NO AGRAVAMENTO DAS POTENCIAIS AMEAÇAS À SAÚDE GLOBAL'

Outro fator ambiental que convém referir é a desflorestação. À medida que os seres humanos abrem caminhos por zonas anteriormente inexploradas, o contacto com novos vírus (para os quais não temos defesas) é inevitável. Esta situação é ainda agravada pelo facto das zonas desflorestadas serem frequentemente ocupadas pela pecuária, criando condições ideais para a multiplicação, mutação e ampliação de novos vírus. Para além do contacto direto entre humanos e novos vírus, a desflorestação leva a que animais selvagens procurem novos habitats para sobreviver, levando-os muitas vezes a migrar e a disseminar os agentes patogénicos em áreas de maior densidade humana.

'PARA QUE O SALDO AMBIENTAL DESTA PANDEMIA NÃO SEJA NEGATIVO É PRECISO VONTADE POLÍTICA, PRESSÃO POPULAR, MUDANÇA DE COMPORTAMENTOS E SOBRETUDO COERÊNCIA'

A crescente tendência para o comércio internacional de espécies exóticas também contribui para este fenómeno. Apesar de estar presente na nossa memória recente as imagens dos “wet markets” de Wuhan e o seu papel como potencial ponto inicial da pandemia de Covid-19, convém apontar que não é só “lá longe” que existem estes problemas. Em 2004, duas águias contrabandeadas a partir da Tailândia foram apreendidas no aeroporto de Bruxelas, verificando-se posteriormente estavam infetados com uma estirpe altamente perigosa de H5N1. Numa altura em que todos os sistemas de vigilância de pandemia estavam a controlar a migração de aves de oriente para ocidente, esta apreensão mostrou uma falha no sistema e expôs como o contrabando de animais selvagens permitia que um vírus viajasse milhares de quilómetros e, quase instantaneamente, alcançasse o centro de uma das regiões mais densamente povoadas do mundo.

As alterações climáticas são outro dos fatores que mais importância tem no agravamento das potenciais ameaças à saúde global. Para além de forçarem alterações da distribuição global de muitas espécies animais, com consequente impacto na distribuição de muitas zoonoses (doenças transmitidas de animais para humanos e vice-versa) e da expansão para norte de muitos vetores de doenças (recentemente um especialista falava possível expansão na Europa de doenças como a febre amarela, a dengue ou a malária), o degelo poderá originar novas ameaças. Não temos neste momento qualquer maneira de saber que tipo de microrganismo permanece conservado e viável quer nos glaciares, quer nas extensas regiões de “permafrost”.

Se é evidente que as questões ambientais tiveram impacto no aparecimento e propagação do SARS CoV 2, é também cada vez mais evidente que a presente pandemia tem um impacto considerável no ambiente global, tal como demonstrado pelos inúmeros relatos sobre a redução de emissões e de poluição devido à diminuição das atividades humanas, como por exemplo o facto



'SE HÁ ALGO EM QUE A MAIORIA DOS ESPECIALISTAS CONCORDA É QUE NÃO PODEMOS VOLTAR À SITUAÇÃO ANTERIOR, É PRECISO UM “NOVO NORMAL”'

de a China ter reduzido as suas emissões de gases com efeito de estufa em 25% durante o primeiro trimestre de 2020 devido à redução da atividade industrial e do transporte (o CO2 que não foi emitido é o equivalente a todas as emissões do continente africano durante 1 ano), ou de Portugal não queimar carvão para produzir eletricidade há 2 meses. Esta melhoria ambiental foi demonstrada por diversos meios, desde os mais tecnológicos, como as imagens de satélite que demonstram a redução de gases nocivos nos países em quarentena, até os mais anedóticos, como a divulgação de imagens da água “límpida” dos canais de Veneza.

A grande questão é se estas melhorias são duradoras ou se perderemos tudo com o regresso à “normalidade”. Aqui as opiniões divergem, mas são maioritariamente negativas, com alguns especialistas a considerarem que vamos voltar à situação inicial (com os ganhos a serem momentâneos e o saldo nulo) e outros a considerarem que a pressão para reativar rapidamente a economia poderá levar à suspensão de normas ambientais e a uma situação pior que a inicial (saldo final negativo).

Para que o saldo ambiental desta pandemia não seja negativo é preciso vontade política, pressão popular, mudança de comportamentos e sobretudo coerência. Institucionalmente, apesar dos sinais de que a União Europeia quer fazer do seu European Green Deal a base da recuperação económica do continente, há uma crescente pressão para o relaxamento de normas ambientais em áreas como a Agricultura, Transportes ou Indústria como forma mais célere de recuperar a economia.

Se há algo em que a maioria dos especialistas concorda é que não podemos voltar à situação anterior, é preciso um “novo normal”. As novidades não podem ser apenas o facto de passarmos a andar de máscara ou aceitarmos o sacrifício de algumas liberdades individuais e da privacidade em prol do bem comum. Este “novo normal” terá que surgir das lições aprendidas com a pandemia de COVID-19, terá que passar por reorientar a economia para priorizar a satisfação de necessidades em detri-

mento do crescimento como objetivo último (o atual deus que exige sacrifícios). Teremos que avaliar a forma como nos relacionamos com o trabalho (afinal muitas mais pessoas poderiam fazer teletrabalho do que se supunha), com a educação (setor que tornou evidente a necessidade de igualdade de acesso) ou com a informação (onde as *fake news* e o jornalismo espetáculo criaram um público cheio de teorias não baseadas em factos).

Mas sobretudo teremos que passar a dar mais atenção ao que os cientistas dizem e assumirmos de uma vez por todas que os avisos são reais. E aqui o elefante no centro da sala são as alterações climáticas. Se, face ao impacto económico da COVID-19, os 4,5 mil milhões de dólares anuais que custaria manter um sistema de resposta a pandemias em estado de prontidão total já parecem um bom negócio (só o pacote apresentado pela EU para ajudar a economia europeia seria suficiente para custear o sistema durante 120 anos), então porque é que os decisores políticos insistem em ignorar os alertas sobre as alterações climáticas?

'TEREMOS QUE PASSAR A DAR MAIS ATENÇÃO AO QUE OS CIENTISTAS DIZEM E ASSUMIRMOS DE UMA VEZ POR TODAS QUE OS AVISOS SÃO REAIS. E AQUI O ELEFANTE NO CENTRO DA SALA SÃO AS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS'

Se estamos no começo de uma nova era, parece-me uma altura ideal para citar a primeira frase do meu romance favorito “A beginning is the time for taking the most delicate care that the balances are correct.” O momento para assegurarmos um futuro de que nos orgulhemos é agora, e não podemos deixar que este despertar forçado tenha sido em vão.

A COVID-19 RELEMBRA-NOS QUE A SOCIEDADE CIVIL É FUNDAMENTAL PARA A DEFESA DO NOSSO BEM-ESTAR COLETIVO

LYSA JOHN
SECRETÁRIA-GERAL, CIVICUS

Vítimas da Covid-19 estão a morrer em corredores de hospital e nas ruas de Guayaquil, no Equador. Populações famintas fazem filas com quilómetros por um cabaz alimentar básico em Tsuane, na África do Sul. Por todo o mundo, milhões de pessoas são atiradas para o desemprego. Desde a II Guerra Mundial que o mundo não vivia uma calamidade que perturbasse, de forma tão rápida e estrutural, todos os aspetos da vida como a da Covid-19. E nunca antes a sociedade civil teve tão pouco tempo de preparação para uma catástrofe desta magnitude.

'DESDE A II GUERRA MUNDIAL QUE O MUNDO NÃO VIVIA UMA CALAMIDADE QUE PERTURBASSE, DE FORMA TÃO RÁPIDA E ESTRUTURAL, TODOS OS ASPETOS DA VIDA COMO A DA COVID-19'

Os governos têm atuado com diferentes graus de urgência e eficácia, mas a maioria tem aprovado leis que restringem a liberdade de movimento e aplicado quarentenas de modo a

'REGIMES UM POUCO POR TODO O MUNDO USARAM AS MEDIDAS RELACIONADAS COM A COVID-19 COMO INSTRUMENTOS PARA TRANSPOR A LINHA ENTRE A PROTEÇÃO DOS/AS SEUS/AS CIDADÃOS/ÃS E A LIMITAÇÃO DA LIBERDADE DE EXPRESSÃO E VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS'

“achatar a curva”. Os estados tiveram de obedecer ao seu dever fundamental de proteção da vida das pessoas através de quarentenas, mas deverão conciliá-lo com redes de segurança económica e social adequadas ao auxílio dos/as que mais são afetados/as pelas medidas de confinamento – algo que muitos estados não conseguiram cumprir.

'MAIS DO QUE NUNCA, CABE À SOCIEDADE CIVIL GARANTIR O EQUILÍBRIO DE PODERES, DENUNCIAR INJUSTIÇAS E PRESTAR APOIO A QUEM ESTÁ EM SITUAÇÃO DE EXCLUSÃO'

Poucos/as contestam a necessidade de distanciamento social e supressão de viagens. Estas restrições, porém, devem ser legais e não-discriminatórias, e necessárias à proteção da saúde pública. Contudo, regimes um pouco por todo o mundo usaram as medidas relacionadas com a Covid-19 como instrumentos para transpor a linha entre a proteção dos/as seus/as cidadãos/ãs e a limitação da liberdade de expressão e violação dos direitos humanos por motivos políticos e autoritários. Mais do que nunca, cabe à sociedade civil garantir o equilíbrio de poderes, denunciar injustiças e prestar apoio a quem está em situação de exclusão.

DESAFIOS E RESTRIÇÕES AO ESPAÇO CÍVICO

A dimensão e urgência da catástrofe da Covid-19 fizeram com que organizações não-governamentais, de ação humanitária e ativistas estejam a enfrentar dificuldades para responder a um aumento sem precedentes das necessidades.

A censura inicial imposta pela China contribuiu para que o vírus se espalhasse. Utilizadores/as das redes sociais, *bloggers*, ativistas e jornalistas foram silenciados/as, detidos/as, intimidados/as e até agredidos/as por terem divulgado informação acerca do vírus ou criticado as autoridades de países como o Vietname, o Irão, o Níger, o Quénia, a Venezuela e a República Democrática do Congo. No Paquistão, existem relatos de a polícia ter detido profissionais de saúde que protestavam por falta de equipamento de proteção individual, enquanto que, nas Filipinas, África do Sul, e noutros países, as forças de segurança foram acusadas de usar força excessiva e humilharem cidadãos/ãs que desobedecem à quarentena.

Ações deste tipo dificultaram o trabalho de combate à pandemia, e tornaram ainda mais difícil para as pessoas protegerem-se a si próprias e às suas famílias, permitindo simultaneamente que a desinformação se alastre.

As quarentenas nacionais tiveram igualmente consequências imprevistas e potencialmente fatais. A ONU Mulheres alertou para o aumento da violência doméstica uma vez que as suas vítimas estão trancadas com os companheiros abusivos – conduzindo a uma “epidemia escondida”. Seis meses de confinamento podem resultar em 31 milhões de casos adicionais de violência de género, segundo uma análise do Fundo das Nações Unidas para a População (FNUAP), em colaboração com a Avenir Health, a Universidade Johns Hopkins e a Universidade Victoria na Austrália.

No passado mês de abril, mais de 600 organizações apelaram aos/às líderes mundiais para que não usassem a pandemia como pretexto para restringir o espaço cívico.



DOSSIER

A PANDEMIA DE COVID-19 E OS DESAFIOS DO DESENVOLVIMENTO

A SOCIEDADE CIVIL NA LINHA DA FRENTE

Como está a sociedade civil a reagir a este momento extraordinário da história?

As organizações locais estão a distribuir alimentos e a prestar auxílio às pessoas que não têm condições para trabalhar nem acesso a rendimento durante o confinamento. Há iniciativas de angariação de fundos para ajuda de emergência, medicamentos e equipamento de proteção individual para profissionais de saúde. Há relatos de que, na Índia, em 13 dos seus estados, as ONG têm tido um desempenho superior ao dos governos locais na prestação de ajuda humanitária a trabalhadores migrantes retidos e aos/às pobres.

Além dos esforços humanitários, os grupos de defesa dos direitos humanos estão a responsabilizar as autoridades pelas suas atuações. No Zimbabué, o grupo de *advocacy* “*Advogados pelos Direitos Humanos*” conseguiu aprovar uma petição urgente para pôr fim aos abusos cometidos pelas forças de segurança do país.

As atividades organizadas pela sociedade civil têm sido apoiadas por ações cívicas informais. No Brasil, muitos cidadãos/ãs têm manifestado a sua revolta contra a gestão da pandemia levada a cabo pelo presidente Jair Bolsonaro batendo em panelas e frigideiras nas suas varandas.

'ALÉM DOS ESFORÇOS HUMANITÁRIOS, OS GRUPOS DE DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS ESTÃO A RESPONSABILIZAR AS AUTORIDADES PELAS SUAS ATUAÇÕES'

O vírus pode atingir qualquer pessoa, mas as suas consequências chamam a atenção para desigualdades que já existiam. Na extremamente desenvolvida Singapura, os/as trabalhadores/as migrantes alojados/as em dormitórios sobrelotados têm sido os/as mais afetados/as pela pandemia, perfazendo, até 1 de maio, cerca de 85% dos 16000 casos de Covid-19 desta cidade-estado. Os grupos cívicos foram determinantes para dar a conhecer esta situação calamitosa.



O G-20 e o Fundo Monetário Internacional prometeram a suspensão do pagamento das dívidas externas dos países mais pobres, possibilitando aos estados o redireccionamento de recursos para os cuidados de saúde e ajuda às populações mais pobres. Mas estas são apenas medidas temporárias. Reconhecendo que a crise representa uma oportunidade para as instituições financeiras negociarem reformas permanentes nas suas abordagens à dívida externa, as organizações da sociedade civil têm procurado garantir que este objetivo continue a ser central na resposta internacional a esta crise.

Apesar do distanciamento social, a pandemia aproximou as pessoas. Em meados de abril, cidadãos/ãs e artistas espalhados/as pelo mundo demonstraram o poder das ações sociais quando o concerto virtual *One World: Together at Home* angariou quase 128 milhões de dólares para apoiar os/as profissionais de saúde que estão na linha da frente no combate à Covid-19.

JUNTOS SOMOS MAIS FORTES

O setor do desenvolvimento não estava preparado para uma calamidade desta magnitude. Obrigou-nos a refletir acerca da fragilidade dos nossos sistemas de apoio, a enfrentar esse problema e a criar uma oportunidade para uma mudança permanente no nosso trabalho com vista a um futuro mais resiliente.

'PARA SAIRMOS MAIS FORTALECIDOS/AS, PRECISAMOS DE AUMENTAR SIGNIFICATIVAMENTE O INVESTIMENTO NAS ORGANIZAÇÕES DA SOCIEDADE CIVIL DO SUL GLOBAL'

As mulheres representam quase 70% da mão-de-obra do nosso setor, mas estão fortemente sub-representadas na liderança. À medida que os recursos vão diminuindo, elas serão as primeiras a perder os seus meios de subsistência, apesar de praticamente não terem uma palavra a dizer a respeito das decisões que as suas organizações tomam para lidar com esta crise. Temos de ser mais audazes na adoção das medidas de segurança social que exigimos aos governos e às empresas.

Sem confiança e autenticidade, as nossas organizações não conseguirão enfrentar os tremendos desafios a que todas elas – grandes e pequenas – terão de responder nos próximos anos. É notável que as organizações locais do Sul Global tenham sido as primeiras a adotar um Protocolo de Segurança Social para a Sociedade Civil, desenvolvido em linha com as orientações políticas da Organização Internacional do Trabalho no contexto da Covid-19.

Quatro anos após a comunidade internacional se ter comprometido com a “agenda para a localização da Ação Humanitária”¹, a percentagem de Ajuda Pública ao Desenvolvimento (APD) que chega diretamente à sociedade civil do Sul Global mantém-se no mesmo nível: menos de 1%. Isto significa que, apesar de as organizações locais estarem mais bem posicionadas para oferecer uma resposta duradoura a crises complexas como as pandemias, continuam lamentavelmente subfinanciadas. Para sairmos mais fortalecidos/as, precisamos de au-

mentar significativamente o investimento nas organizações da sociedade civil do Sul Global.

A existência de condições favoráveis à atuação de organizações locais permitir-nos-á potenciar soluções centradas nas pessoas, necessárias para lidar com os desafios complexos e imprevistos da Covid-19.

Por fim, a sociedade civil terá de melhorar significativamente as estratégias de modo a colocar os direitos humanos no centro das intervenções públicas. Precisamos de um esforço sério para dismantelar sistemas que perpetuam ciclos de pobreza, discriminação e violência, nomeadamente repensando a forma como as nossas economias estão estruturadas e assegurando meios de produção e consumo sustentáveis que permitam a regeneração dos recursos naturais.

'A EXISTÊNCIA DE CONDIÇÕES FAVORÁVEIS À ATUAÇÃO DE ORGANIZAÇÕES LOCAIS PERMITIR-NOS-Á POTENCIAR SOLUÇÕES CENTRADAS NAS PESSOAS, NECESSÁRIAS PARA LIDAR COM OS DESAFIOS COMPLEXOS E IMPREVISTOS DA COVID-19'

O nosso indicador mais importante de progresso comum deverá basear-se nas transformações necessárias para construir um mundo mais favorável às gerações vindouras. Temos de dar reconhecimento àqueles/as que estão na linha da frente, que frequentemente são os/as menos valorizados/as na sociedade, mas que ajudarão a ultrapassar esta pandemia.

O nosso grau de compromisso para a concretização destas reformas irá determinar, no futuro, a nossa relevância enquanto sociedade civil.

¹ EM MAIO DE 2016 A CIMEIRA HUMANITÁRIA MUNDIAL QUE DECORREU EM ISTAMBUL DEFINIU OS PRINCÍPIOS DO QUE FICOU CONHECIDO COMO “AGENDA PARA A LOCALIZAÇÃO”. MAIS INFORMAÇÕES EM: [HTTPS://BIT.LY/2ZIN97L](https://bit.ly/2ZIN97L)

O ROTEIRO PARA O DESENVOLVIMENTO GLOBAL ATÉ 2030

PATRÍCIA MAGALHÃES FERREIRA
INVESTIGADORA E CONSULTORA INDEPENDENTE
NA ÁREA DO DESENVOLVIMENTO E COOPERAÇÃO

Os efeitos da pandemia no desenvolvimento global e na realização da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável são inevitavelmente duros e preocupantes, pelo menos a curto e médio prazo. Entre o momento em que foram aprovados os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), em setembro de 2015, e meados de 2020 há uma diferença abismal e generalizada nas percepções (do entusiasmo à apreensão), nos factos (com os números a revelarem impactos devastadores) e nas perspetivas para o futuro (da confiança moderada à total incerteza).

Os países e os setores da sociedade mais pobres e vulneráveis são afetados de forma desproporcional, como o são em todas as crises. O embate é sentido com especial gravidade nos países mais pobres e, em todos os países, pelas pessoas com condições de vida mais frágeis, com menores e mais precárias fontes de rendimento, que residem em zonas mais pobres ou degradadas, que pertencem grupos sociais discriminados ou em risco de exclusão social¹. Mas apesar dos diferentes graus e intensidade, a cadeia de efeitos afeta todos em todos os lugares, não só pela crescente interdependência mas porque a maioria desses impactos não radica em motivos de curto prazo ou em razões superficiais, mas sim em deficiências estruturais que os modelos de organização social e económica, que fomos construindo e reforçando, apresentam.

Em muitos aspetos, a pandemia é um acelerador, vindo agravar tendências já existentes e constituindo uma chamada de atenção abrupta para a realidade em curso, ou para a necessidade de inverter o rumo. Ao contrário da evolução positiva até 2015, o número de pessoas no mundo com fome tem subido anualmente desde 2016 (ODS 2)². Os níveis de violência contra as mulheres

'EM MUITOS ASPETOS, A PANDEMIA É UM ACELERADOR, VINDO AGRAVAR TENDÊNCIAS JÁ EXISTENTES E CONSTITUINDO UMA CHAMADA DE ATENÇÃO ABRUPTA PARA A REALIDADE EM CURSO, OU PARA A NECESSIDADE DE INVERTER O RUMO'

e raparigas continua a registar números alarmantes, estimando-se que 1 em cada 3 mulheres seja vítima de violência física ou sexual durante a sua vida (ODS 5)³. Há muito que se sabe da enorme fragilidade dos sistemas de saúde em muitos países em desenvolvimento, com a escassez de equipamentos, de acesso a medicamentos e outras condições imprescindíveis (p.ex. energia, saneamento), ou de recursos humanos qualificados (ODS 3)⁴. Sabemos também, há bastante tempo, os efeitos (e enormes custos sociais, económicos e ambientais) da poluição, da emissão de gases nocivos, da perda de biodiversidade, da desertificação e desflorestação, provocados pela aceleração de um modelo de crescimento, de produção e consumo que promovemos há décadas (ODS 12, 13, 14 e 15). E há muito que se debatem as assimetrias da globalização, a injustiça social e o aumento das desigualdades, principalmente dentro dos países, com setores da população e serem claramente “deixados para trás” (ODS 10).

A intensificação das crises humanitárias era já uma realidade antes da pandemia, algumas resultantes de uma conflitualidade persistente (Iémen, R.D.Congo, Sudão e Sudão do Sul, Afeganistão), outras agravadas pelo aumento da movimentação de pessoas em fuga de situações de guerra ou de situações de pobreza extrema. O crescimento da securitização e do autoritarismo, a ameaça às democracias liberais e ao multilateralismo, incluindo uma restrição evidente do espaço de atuação da sociedade civil em muitos países, são também tendências emergentes há alguns anos (ODS 16)⁵.

Assim, no início de 2020, as perspetivas sobre o cumprimento de muitas das metas estabelecidas nos ODS era já pouco animadora⁶. Nesse sentido, a pandemia será, para alguns, a desculpa que precisavam para justificar o não cumprimento de compromissos internacionais, ou para impor mais medidas restritivas

das liberdades individuais e coletivas no plano interno. Para outros, poderá ser motivo para não fazer reformas ou alterações de fundo, visto ser necessário responder ao que é mais urgente, com enfoque apenas no curto-prazo. Tal poderá, igualmente, vir a ter impacto nos fundos de desenvolvimento, agora afetados a prioridades consideradas mais prementes⁷.

Por outro lado, a pandemia, ao ser uma lente que retira o véu de realidades pré-existentes e coloca a nu as fragilidades do modelo predominante, também nos faz questionar políticas, medidas e respostas. As questões do desenvolvimento, da pobreza, dos direitos humanos e da preservação do ambiente estão, mais do que nunca, na discussão pública e no plano mediático – e isso pode ser um sinal de esperança, pela força que a mobilização da opinião pública e o crescimento dos movimentos sociais pode ter (como temos visto com a questão climática, ou com os movimentos pró-democracia).

'ASSIM, NO INÍCIO DE 2020,
AS PERSPETIVAS SOBRE O
CUMPRIMENTO DE MUITAS DAS
METAS ESTABELECIDAS NOS ODS
ERA JÁ POUCO ANIMADORA.
NESSE SENTIDO, A PANDEMIA SERÁ,
PARA ALGUNS, A DESCULPA QUE
PRECISAVAM PARA JUSTIFICAR
O NÃO CUMPRIMENTO DE
COMPROMISSOS INTERNACIONAIS'

Outro elemento a ter em conta é que a necessidade geral de foco no essencial significará um aumento de importância do setor da saúde, com as questões da saúde pública, das políticas de saúde, do acesso e investimento na saúde, ou da investigação nesta área a aumentarem de importância nas agendas nacionais e internacionais, o que é fundamental para os processos de desenvolvimento (ODS 3, em ligação com vários outros objetivos). Por outro lado, as questões ambientais podem crescer em importância, com a possibilidade real de aceleração da transição energética, implementação de políticas mais eficazes de combate à degrada-

'A HISTÓRIA ENSINOU-NOS QUE
ONDE EXISTE UM PROBLEMA, EXISTE
UMA OPORTUNIDADE – E AS CRISES
SÃO, OU DEVEM SER TAMBÉM,
MOMENTOS DE APRENDIZAGEM.
NESSE SENTIDO, ESTE MOMENTO
HISTÓRICO PODE SER O PATAMAR
PARA O RELANÇAMENTO DE UM
MODELO ECONOMICAMENTE
MAIS JUSTO, SOCIALMENTE MAIS
INCLUSIVO, AMBIENTALMENTE
MAIS SUSTENTÁVEL'

ção ambiental e às alterações climáticas, e crescimento exponencial da “economia verde” e dos empregos associados (ODS 13, 14, 15). Na realidade, se a curto prazo a pandemia tem tido efeitos positivos nos objetivos globais ligados ao ambiente e ao clima (devido ao encerramento de muitas atividades económicas e da limitação de movimentos), estes serão apenas temporários se o enfoque estiver na retoma do crescimento e investimento o mais depressa possível, seguindo os padrões anteriores. Na Europa, algumas respostas à crise podem apresentar sinais encorajadores nesta área, com a Comissão Europeia a afirmar que a retoma terá de se basear no Pacto Ecológico Europeu e Angela Merkel a apelar a que a comunidade internacional crie programas de reconstrução seguindo critérios ambientais e climáticos, combinando ecologia e economia, para responder simultaneamente a duas crises e assim alcançar a Agenda 2030⁸.

A História ensinou-nos que onde existe um problema, existe uma oportunidade – e as crises são, ou devem ser também, momentos de aprendizagem. Nesse sentido, este momento histórico pode ser o patamar para o relançamento de um modelo economicamente mais justo, socialmente mais inclusivo, ambientalmente mais sustentável. As características dos problemas que enfrentamos alertam para a necessidade e urgência de respostas globais assentes na cooperação e colaboração, através de parcerias inovadoras e efetivas, bem como no reforço das capacidades coletivas de atuação. Mais do que nunca, é preciso

'(...) A AGENDA [2030] PODE (E DEVE) SERVIR DE BASE E DE GUIA PARA OS PACOTES DE RECUPERAÇÃO ECONÓMICA E SOCIAL DURANTE E APÓS A PANDEMIA, PROMOVENDO ASSIM POLÍTICAS MAIS SUSTENTÁVEIS QUE RESPONDAM SIMULTANEAMENTE ÀS ASPIRAÇÕES LEGÍTIMAS DAS PESSOAS A UMA VIDA DIGNA E À PRESERVAÇÃO DO PLANETA QUE HABITAMOS'

repensar as formas de agir e investir no reforço das tendências positivas. A gestão comum dos bens globais, por exemplo, é uma das questões onde mais espaço e oportunidade para avançar e transformar. E a declaração de uma Década de Ação para o Desenvolvimento Sustentável (2020-2030) apela exatamente à aceleração dos esforços para implementar soluções mais sustentáveis e transformadoras aos grandes desafios do nosso tempo⁹.

A Agenda 2030 constitui um enquadramento global, aprovado pela quase totalidade dos países no mundo, que fornece uma abordagem multidimensional, integrada e abrangente para o desenvolvimento. O roteiro está estabelecido desde 2015, incentivando a participação de todos os intervenientes (públicos, privados, da sociedade civil), em todos os países, segundo responsabilidades partilhadas e diferenciadas. Não define as medidas ou políticas para lá chegar - que naturalmente dependem dos níveis de desenvolvimento e das realidades e contextos nacionais e regionais - mas estabelece claramente o que o mundo pretende atingir e qual o rumo a seguir. Nesse sentido, a Agenda pode (e deve) servir de base e de guia para os pacotes de recuperação económica e social durante e após a pandemia, promovendo assim políticas mais sustentáveis que respondam simultaneamente

às aspirações legítimas das pessoas a uma vida digna e à preservação do planeta que habitamos. Para isso, a existência de lideranças inspiradoras e empenhadas em incentivar mudanças viáveis e sistémicas será um ponto fulcral nos próximos tempos.

Pergunta José Tolentino Mendonça: *“O processo gerado pelo vírus acelerará apenas as assimetrias e os egoísmos do Velho Mundo, ou motivou-nos a compreender que estamos no mesmo barco e que só há futuro na cooperação e na implementação de outros modelos de existência coletiva?”*¹⁰ A resposta arrisca ser mista, ou seja, ambas as tendências persistirão e coexistirão, como antes, mas a diferença é que agora foi-nos dada uma oportunidade, nova e concreta, de romper padrões que já não nos servem e construir novos caminhos.

¹ VER, POR EXEMPLO, COVID-19: PANDEMIA PODE DEIXAR MAIS DE 500 MILHÕES DE PESSOAS NA POBREZA, PÚBLICO, 09.04.2020; E ILO: AS JOB LOSSES ESCALATE, NEARLY HALF OF GLOBAL WORKFORCE AT RISK OF LOSING LIVELIHOODS, OIT, 29.04.2020.

² DADOS DO RELATÓRIO ANUAL DA FAO “O ESTADO DA SEGURANÇA ALIMENTAR E DA NUTRIÇÃO NO MUNDO”; NAÇÕES UNIDAS: EM 2019, CALCULA-SE QUE 820 MILHÕES DE PESSOAS EM TODO O MUNDO NÃO TIVERAM ACESSO SUFICIENTE A ALIMENTOS.

³ A ISTO ACRESCE QUE QUASE 750 MILHÕES DE MULHERES E RAPARIGAS CASA ANTES DE ATINGIR 18 ANOS E QUE PELO MENOS 200 MILHÕES JÁ FORAM VÍTIMAS DE MUTILAÇÃO GENITAL FEMININA, QUE CONTINUA A SER PRATICADA EM CERCA DE 30 PAÍSES. DADOS DAS NAÇÕES UNIDAS: WWW.UN.ORG/EN/EVENTS/ENDVIOLENCEDAY/

⁴ VER DADOS SOBRE AS DESIGUALDADES MUNDIAIS NA SAÚDE EM OURWORLDINDATA.ORG/HEALTH-INEQUALITY E INFOGRAFIAS DAS ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE SOBRE O ODS 3: WWW.WHO.INT/SDG/INFOGRAPHICS/EN/

⁵ PELA PRIMEIRA VEZ, EM 2019, O NÚMERO DE PESSOAS QUE VIVE REGIMES AUTOCRÁTICOS OU DITATORIAIS ULTRAPASSOU O DE REGIMES DEMOCRÁTICOS. “AUTOCRATIZATION SURGES-RESISTANCE GROWS”, DEMOCRACY REPORT 2020, V-DEM INSTITUTE, ABRIL DE 2020.

⁶ SEGUNDO A ONU, EM 2019, NENHUM PAÍS DO MUNDO ESTAVA NUMA TRAJETÓRIA QUE LHE PERMITISSE DE CUMPRIR TODOS OS ODS ATÉ 2030. SUSTAINABLE DEVELOPMENT REPORT 2019, BERTELSMANN STIFTUNG E SUSTAINABLE DEVELOPMENT SOLUTIONS NETWORK (SDSN).

⁷ COMO, ALIÁS, JÁ ACONTECEU RECENTEMENTE COM A QUESTÃO DAS MIGRAÇÕES. PARA UM DEBATE SOBRE O FINANCIAMENTO DO DESENVOLVIMENTO EM TEMPOS DE PANDEMIA, VER AMY LIEBERMAN, “A LOOK AT HOW UN DEVELOPMENT FUNDS ARE RECALIBRATING SDG FUNDING”, DEVEX, 28.04.2020.

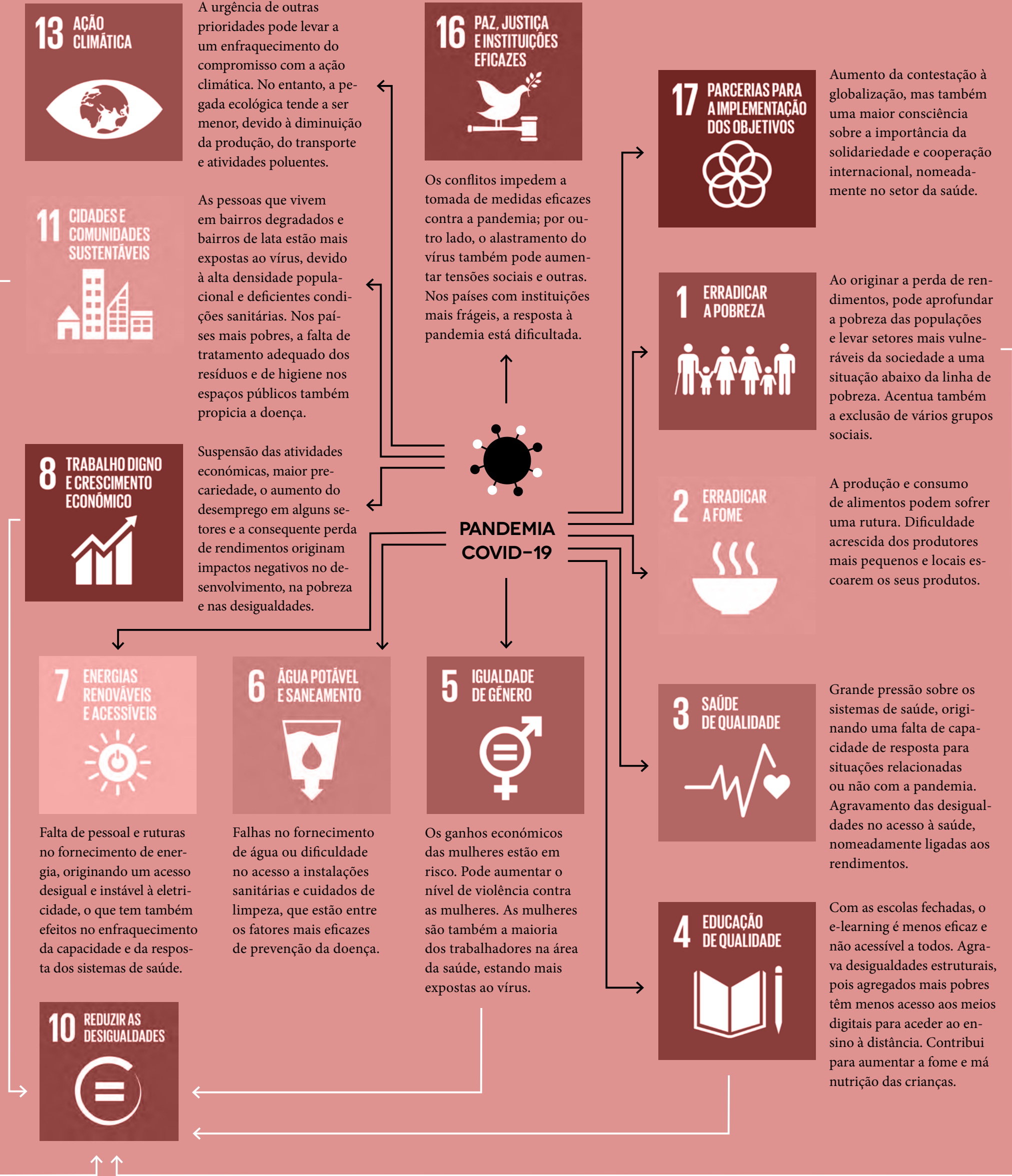
⁸ “EU SAYS GREEN FINANCE WILL BE ‘KEY FOCUS’ OF POST-VIRUS RECOVERY PHASE”, EDIE, 09.04.2020; “MERKEL PEDE RECONSTRUÇÃO PÓS-CRISE QUE COMBINE ECOLOGIA E ECONOMIA”, OBSERVADOR, 28.04.2020.

⁹ WWW.UN.ORG/SUSTAINABLEDEVELOPMENT/DECADE-OF-ACTION/

¹⁰ JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA, “10 PERGUNTAS PARA O PÓS-COVID-19”, EXPRESSO, 18.04.2020.

IMPACTOS DA PANDEMIA COVID-19 NOS ODS, A CURTO PRAZO POR PATRÍCIA MAGALHÃES FERREIRA

DESENVOLVIDO PARA A PLATAFORMA PORTUGUESA DAS ONGD, NO ÂMBITO DO ESTUDO "PORTUGAL E A IMPLEMENTAÇÃO DOS ODS", EM CURSO.
ELABORAÇÃO COM BASE EM UNDESA, ABRIL 2020.





SITES/PÁGINAS

Civic Space Watch special COVID-19 solidarity page, European Civic Forum

COVID-19 and its human rights dimensions, OHCHR

COVID-19 Civic Freedom Tracker, ICNL

COVID-19 Crisis from a feminist perspective: overview of different articles published, Wide+

COVID-19 Resources, GCAP – Global Call to Action Against Poverty

Impacto del COVID-19 en educación, ciencia y cultura en Iberoamérica, OEI

Policy response tracker, ODI

Policy Responses to COVID-19, IMF

Support resources during the COVID-19 outbreak, Concord Europe

ARTIGOS/PUBLICAÇÕES

Ana Caistor Arendar (2020) *Where have we got to on Covid and debt relief?*, OXFAM

Andy Sumner, Chris Hoy, e Eduardo Ortiz-Juarez (2020) *Estimates of the impact of COVID-19 on global poverty*, UNU-WIDER

CHEMA VERA, (2020) *COVID-19 Thrives on Inequality*, Project Syndicate

Chiara Putaturo e Lis Cunha (2020) *Increase tax collection fairly: How poor countries can tackle the coronavirus crisis*, EURACTIV

Eurodad (2020) *Is ODA up to the challenges posed by the coronavirus pandemic?*

Michael Igoe and Vince Chadwick (2020) *After the pandemic: How will COVID-19 transform global health and development?*, DEVEX

Mikaela Gavas, Rachael Calleja and Andrew Rogerson (2020) *How are International Development Agencies Responding to the COVID-19 Crisis?* Center for Global Development

Raj Kumar (2020) *For the global development community, COVID-19 poses big questions*, devex

Sara Pantuliano (2020) *Covid-19: ‘we won’t get back to normal because normal was the problem*, ODI

Secretário-Geral da ONU (2020), *The impact of COVID-19 on women*

Vidya Diwakar (2020) *From pandemics to poverty: hotspots of vulnerability in times of crisis*, ODI

ACEP ASSOCIAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO ENTRE OS POVOS

ADDHU ASSOCIAÇÃO DE DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS

ADIRN ASSOCIAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRADO DO RIBATEJO NORTE

ADPM ASSOCIAÇÃO DE DEFESA DO PATRIMÓNIO DE MÉRTOLA

ADRA ASSOCIAÇÃO ADVENTISTA PARA O DESENVOLVIMENTO, RECURSOS E ASSISTÊNCIA

AIDGLOBAL ACÇÃO E INTEGRAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO GLOBAL

AJAP ASSOCIAÇÃO DOS JOVENS AGRICULTORES DE PORTUGAL

AMU COOPERAÇÃO E SOLIDARIEDADE LUSÓFONA POR UM MUNDO UNIDO

APCD ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE CULTURA E DESENVOLVIMENTO

APDES AGÊNCIA PIAGET PARA O DESENVOLVIMENTO

APF ASSOCIAÇÃO PARA O PLANEAMENTO DA FAMÍLIA

APOIAR ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE APOIO A ÁFRICA

ASSOCIAÇÃO FENIKS ILUMINAR A DIGNIDADE HUMANA E OS DIREITOS HUMANOS

ASSOCIAÇÃO HELPO

ASSOCIAÇÃO PAR RESPOSTAS SOCIAIS

ATA ASSOCIAÇÃO TROPICAL AGRÁRIA

ATLAS ASSOCIAÇÃO DE COOPERAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO

CÁRITAS PORTUGUESA

CHAPITÔ

CIDAC CENTRO DE INTERVENÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO AMÍLCAR CABRAL

CONCEITOS DO MUNDO ASSOCIAÇÃO PARA A PROMOÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

CPR CONSELHO PORTUGUÊS PARA OS REFUGIADOS

EQUIPA D'ÁFRICA

EAPN PORTUGAL REDE EUROPEIA ANTI-POBREZA

FCL FUNDAÇÃO CIDADE DE LISBOA

FEC FUNDAÇÃO FÉ E COOPERAÇÃO

FGS FUNDAÇÃO GONÇALO DA SILVEIRA

FUNDAÇÃO BOMFIM

FUNDAÇÃO CHAMPAGNAT

FUNDAÇÃO TERESA REGOJO PARA O DESENVOLVIMENTO

G.A.S. PORTO GRUPO DE ACÇÃO SOCIAL DO PORTO

GRAAL ASSOCIAÇÃO DE CARÁCTER SOCIAL E CULTURAL

GIRL MOVE PORTUGAL

HEALTH4MOZ

ICE INSTITUTO DAS COMUNIDADES EDUCATIVAS

IMVF INSTITUTO MARQUÊS DE VALLE FLOR

IPAV INSTITUTO PADRE ANTÓNIO VIEIRA

LEIGOS PARA O DESENVOLVIMENTO

MDM - P MÉDICOS DO MUNDO PORTUGAL

MENINOS DO MUNDO

MONTE DESENVOLVIMENTO ALENTEJO CENTRAL - ACE

MSH MISSÃO SAÚDE PARA A HUMANIDADE

MUNDO A SORRIR ASSOCIAÇÃO DE MÉDICOS DENTISTAS SOLIDÁRIOS PORTUGUESES

OIKOS COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

OMAS / LEIGOS DA BOA NOVA

ORBIS COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

PRO DIGNITATE FUNDAÇÃO DE DIREITOS HUMANOS

PROSOCIAL ASSOCIAÇÃO PROMOTORA DE INSTITUIÇÕES SOCIAIS

ROSTO SOLIDÁRIO ASSOCIAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL E HUMANO

SAÚDE EM PORTUGUÊS

SAPANA

SOLSEF SOL SEM FRONTEIRAS

SOPRO SOLIDARIEDADE E PROMOÇÃO

TERRAS DENTRO ASSOCIAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRADO

TESE ASSOCIAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO

UMP UNIÃO DAS MISERICÓRDIAS PORTUGUESAS

UNICEF COMITÉ PORTUGUÊS PARA A UNICEF

URB-ÁFRICA ASSOCIAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO URBANO

VIDA VOLUNTARIADO INTERNACIONAL PARA O DESENVOLVIMENTO AFRICANO

VITAE ASSOCIAÇÃO DE SOLIDARIEDADE E DESENVOLVIMENTO INTERNACIONAL

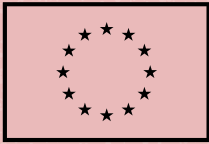
VSF VETERINÁRIOS SEM FRONTEIRAS PORTUGAL

WACT WE ARE CHANGING TOGETHER

COM O APOIO DE



EM COLABORAÇÃO COM



ESTE EVENTO CONTA COM O FINANCIAMENTO DA UNIÃO EUROPEIA NO ÂMBITO DO PROJETO "EUROPA NO MUNDO". OS CONTEÚDOS PRODUZIDOS SÃO DA EXCLUSIVA RESPONSABILIDADE DOS PARCEIROS E NÃO PODEM, EM CASO ALGUM, SER CONSIDERADOS COMO EXPRESSÃO DAS POSIÇÕES DOS FINANCIADORES.